

**CARLOS DRUMMOND  
DE ANDRADE**  
**AMAR SE APRENDE AMANDO**  
POESIA DE CONVÍVIO E DE HUMOR

POSFÁCIO

Fabio Cesar Alves

Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond  
www.carlosdrummond.com.br

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

O poema “Festival em verso” foi publicado em *Versiprosa* (São Paulo: Companhia das Letras, 2017) com o título “Festivais” e pequenas variantes.

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Raul Loureiro sobre detalhe de *Transposição 1*, de Wanda Pimentel, vinílica sobre tela, 130 × 97,2 cm, 1968. Reprodução de Romulo Fialdini e Valentino Fialdini

ESTABELECIMENTO DE TEXTO

Antonio Carlos Secchin

PREPARAÇÃO

Silvia Massimini Felix

REVISÃO

Angela das Neves

Fernando Nuno

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Andrade, Carlos Drummond de, 1902-1987.

Amar se aprende amando: poesia de convívio e de humor / Carlos Drummond de Andrade; posfácio Fabio Cesar Alves. — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2018. (Coleção Carlos Drummond de Andrade)

ISBN 978-85-359-3051-1

I. Andrade, Carlos Drummond de, 1902-1987 – Crítica e interpretação 2. Poesia brasileira I. Alves, Fabio Cesar. II. Título. III. Série.

17-11336

CDD-869.1

Índice para catálogo sistemático:

I. Poesia: Literatura brasileira 869.1

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

## Sumário

### CARTA DE GUIA (?) DE AMANTES

- 15 Reconhecimento do amor
- 17 Além da Terra, além do Céu
- 18 O tempo passa? Não passa
- 19 O mundo é grande
- 20 Amor
- 21 Seis manequins
- 22 Úni dúni têni
- 23 Lira do amor romântico
- 26 O amor antigo
- 27 Epitalâmio
- 29 O amor determina
- 30 A lamentável história dos namorados

### O CONVÍVIO IDEAL

- 35 O combate da luz
- 37 Fazer 70 anos
- 38 O correio de amigos é doçura
- 39 O que Alécio vê
- 41 Esboço de figura
- 42 “A kiss, un baiser, un bacio”
- 43 Versos para Ana Cecília, do Recife
- 45 Sequestro de Guilhermino César
- 47 Eu quisera ver o mundo
- 48 A festa de Ziraldo
- 49 Companheiro
- 52 Diante das fotos de Evandro Teixeira
- 54 Centenário
- 55 Em memória de Alphonsus de Guimaraens
- 56 O destino de Edgard Mata
- 57 Volto à casa de Helena
- 58 Primeiro morto

- 59 Reunião em dezembro
- 62 Presença de Mira
- 63 Odylo, na manhã
- 64 Tim-tim para Luís Martins
- 66 O escritor
- 67 Alceu, radiante espelho

#### ALEGRIAS E PENAS POR AÍ

- 71 Relatório de maio
- 73 Miniversos
- 76 Ai dos macacos
- 77 Festival em verso
- 80 A semana foi assim
- 82 As notícias
- 84 Lira pedestre
- 86 Assanhamento
- 87 Em março, esta semana
- 90 A Bolsa, o bolso
- 92 A queda
- 94 Praia palma paz
- 97 Pré-inverno
- 100 Microlira
- 104 Nova Rua São José
- 106 Textos mínimos
- 110 Notícias de janeiro
- 113 Carnaval chegando
- 116 Esparsos de 1976
- 119 Conversa de amigos
- 122 Foi-se a Copa?
- 123 Conversa com o lixeiro
- 126 Rio em flor de janeiro
- 128 Ver e ouvir, sem brincar
- 131 Brinquedos para homens
- 132 A excitante fila do feijão
- 135 A amiga voltou
- 138 Liquidação de inverno
- 141 Tempo de ipê

142	Aqui havia uma praça
143	Salário
144	O poema da Bahia que não foi escrito
145	Sonetos heredianos
147	Posfácio
	<i>Amor em tempos sombrios,</i>
	FABIO CESAR ALVES
161	Leituras recomendadas
163	Cronologia
169	Crédito das imagens
171	Índice de títulos e primeiros versos

*“O amor que move o sol,  
como as estrelas.”  
O verso de Dante  
é uma verdade resplandecente,  
e curvo-me ante a sua magnitude.  
Ouso insinuar,  
sem pretensão a contribuir  
para que se desvende o mistério amoroso:  
Amar se aprende amando.  
Sem omitir o real cotidiano,  
também matéria de poesia.*

## CARTA DE GUIA (?) DE AMANTES

## RECONHECIMENTO DO AMOR

Amiga, como são desnorteantes  
os caminhos da amizade.  
Apareceste para ser o ombro suave  
onde se reclina a inquietação do forte  
(ou que forte se pensava ingenuamente).  
Trazias nos olhos pensativos  
a bruma da renúncia:  
não querias a vida plena,  
tinhas o prévio desencanto das uniões para toda a vida,  
não pedias nada,  
não reclamavas teu quinhão de luz.  
E deslizavas em ritmo gratuito de ciranda.

Descansei em ti meu feixe de desencontros  
e de encontros funestos.  
Queria talvez — sem o perceber, juro —  
sadicamente massacrar-te  
sob o ferro de culpas e vacilações e angústias que doíam  
desde a hora do nascimento,  
senão desde o instante da concepção em certo mês perdido na  
[História,  
ou mais longe, desde aquele momento intemporal  
em que os seres são apenas hipóteses não formuladas  
no caos universal.

Como nos enganamos fugindo ao amor!  
Como o desconhecemos, talvez com receio de enfrentar  
sua espada coruscante, seu formidável  
poder de penetrar o sangue e nele imprimir  
uma orquídea de fogo e lágrimas.  
Entretanto, ele chegou de manso e me envolveu  
em doçura e celestes amavios.



Não queimava, não siderava; sorria.  
Mal entendi, tonto que fui, esse sorriso.  
Feri-me pelas próprias mãos, não pelo amor  
que trazias para mim e que teus dedos confirmavam  
ao se juntarem aos meus, na infantil procura do Outro,  
o Outro que eu me supunha, o Outro que te imaginava,  
quando — por esperteza do amor — senti que éramos um só.

Amiga, amada, amada amiga, assim o amor  
dissolve o mesquinho desejo de existir em face do mundo  
com olhar pervagante e larga ciência das coisas.  
Já não defrontamos o mundo: nele nos diluímos,  
e a pura essência em que nos transmutamos dispensa  
alegorias, circunstâncias, referências temporais,  
imaginações oníricas,  
o voo do Pássaro Azul, a aurora boreal,  
as chaves de ouro dos sonetos e dos castelos medievos,  
todas as imposturas da razão e da experiência,  
para existir em si e por si,  
à revelia de corpos amantes,  
pois já nem somos nós, somos o número perfeito:  
UM.

Levou tempo, eu sei, para que o Eu renunciasse  
à vacuidade de persistir, fixo e solar,  
e se confessasse jubilosamente vencido,  
até respirar o júbilo maior da integração.  
Agora, amada minha para sempre,  
nem olhar temos de ver nem ouvidos de captar  
a melodia, a paisagem, a transparência da vida,  
perdidos que estamos na concha ultramarina de amar.

## ALÉM DA TERRA, ALÉM DO CÉU

Além da Terra, além do Céu,  
no trampolim do sem-fim das estrelas,  
no rastro dos astros,  
na magnólia das nebulosas.  
Além, muito além do sistema solar,  
até onde alcançam o pensamento e o coração,  
vamos!  
vamos conjugar  
o verbo fundamental essencial,  
o verbo transcendente, acima das gramáticas  
e do medo e da moeda e da política,  
o verbo sempreamar,  
o verbo pluriamar,  
razão de ser e de viver.

## O TEMPO PASSA? NÃO PASSA

O tempo passa? Não passa  
no abismo do coração.  
Lá dentro, perdura a graça  
do amor, florindo em canção.

O tempo nos aproxima  
cada vez mais, nos reduz  
a um só verso e uma rima  
de mãos e olhos, na luz.

Não há tempo consumido  
nem tempo a economizar.  
O tempo é todo vestido  
de amor e tempo de amar.

O meu tempo e o teu, amada,  
transcendem qualquer medida.  
Além do amor, não há nada,  
amar é o sumo da vida.

São mitos de calendário  
tanto o ontem como o agora,  
e o teu aniversário  
é um nascer toda hora.

E nosso amor, que brotou  
do tempo, não tem idade,  
pois só quem ama escutou  
o apelo da eternidade.

## O MUNDO É GRANDE

O mundo é grande e cabe  
nesta janela sobre o mar.  
O mar é grande e cabe  
na cama e no colchão de amar.  
O amor é grande e cabe  
no breve espaço de beijar.

## AMOR

O ser busca o outro ser, e ao conhecê-lo  
acha a razão de ser, já dividido.  
São dois em um: amor, sublime selo  
que à vida imprime cor, graça e sentido.

\*

“Amor” — eu disse — e floriu uma rosa  
embalsamando a tarde melodiosa  
no canto mais oculto do jardim,  
mas seu perfume não chegou a mim.

## SEIS MANEQUINS

Ully, Ully, *lullaby*,  
vou contigo para a Lua,  
luarando vais levando  
uma luz leve de linho,  
de trugal maduro e lã.  
De passagem no Oriente,  
Mailu surge de repente  
e todos os véus da Ásia,  
as arômatas do Egito,  
as musicálias hindus  
florescem na flor do ar.  
Ó Zula, que noite azul  
clareia na tua pele  
um mistério que escurece  
quando tento decifrá-lo?  
Já se dilata a pupila  
ante a passagem de Mila,  
que, se para ou se desfila,  
tantaliza a própria argila.  
E Nice, que vem da neve  
e da pelúcia mais suave,  
incenso, anjinho de nave,  
cantando na Lua Nova?  
Que não me falte Beatriz,  
jardim moreno de altura  
para me fazer feliz  
no meu reino de aventura!

## ÚNI DÚNI TÊNI

Úni dúni têni  
salamêni.

Balança, meu bem, balança  
entre um e outro trapézio.  
No verde tom da esperança,  
a cor de prata do césio.

Circula o risco no espaço  
como sangue nas artérias.  
Os saltos mais perigosos  
são fiorituras aéreas.

No limite da coragem,  
no vão entre céu e terra,  
um anjo luminescente  
zomba da morte e da guerra.

É anjo? ou mulher? ou homem?  
Sobre a pergunta sem nexos,  
o novo arco-íris desdobra  
todos os raios do sexo.